

MOSAICO

/// apoio pastoral

...:: NESTA EDIÇÃO ::...

Editorial

Antonio Carlos S. dos Santos
e Luana Martins Golin
pág. 2

Gestação: medos e mudanças

Lídia Maria de Lima
pág. 3

O mundo é minha paróquia:

Metodismo e Reforma Protestante
Marcos Munhoz da Costa
pág. 6

A Páscoa, e algumas passagens

João Batista Ribeiro Santos
pág. 11

O tempo da Páscoa: o resgate da

pastoral do (des) amparo (...à mulher)
Jorge Schultz Dias
pág. 15

Sobre segunda chance: uma reflexão

sobre vida após a morte

Elizangela A. Soares
pág. 18

UM SOPRO DE VIDA: A respeito

de Pentecostes

Antonio Carlos Soares dos Santos
pág. 21

Liturgia de Pentecostes

Jonadab Domingues de Almeida
pág. 24



Páscoa e passagens



Editorial

Mulher, Páscoa, Metodismo e Pentecostes...

Neste semestre, apresentamos um leque de artigos que fazem referências aos temas comumente celebrados nos primeiros meses do ano. Buscamos contemplar a cada um de forma original e que produza um sentido de reflexão. Desde o papel da mulher como mãe (ou não) e os direitos humanos, suas lutas e dificuldades. Oferecemos o metodismo e a reforma protestante, o mundo como paróquia e o seu significado para uma igreja reformada. Não nos esquecemos do Pentecostes e o sopro de vida que é capaz de reviver ossos secos e para celebrar essa festa inspira-

da pelo Espírito de Deus, presenteamos aos leitores (as) com uma bela liturgia. Por fim, como não podia deixar de ser, temos artigos sobre a Páscoa. Artigos originais e criativos que abordam temas como uma segunda chance e o caráter pastoral da Páscoa. Como artigo central, uma reflexão sobre a páscoa no Primeiro Testamento. Esperamos que esse número da Mosaico seja objeto e instrumento para sua reflexão pessoal e comunitária.

*Luana Martins Golin
Antonio Carlos Soares dos Santos*
Editores

Mosaico Apoio Pastoral

Ano 25, nº 54, janeiro/junho de 2016

**Faculdade de Teologia da Igreja
Metodista / Universidade Meto-
distica de São Paulo**

**Reitor da Universidade Metodista
de São Paulo:** Fábio Josgrilberg
(interino)

**Diretor da Faculdade de
Teologia:** Paulo Roberto Garcia

Conselho Diretor

Wesley Gonçalves Santos (4^aRE)
Presidente
Lia Hack da Rosa (2^a RE)
Vice Presidente
Claudia Nascimento (3^a RE)
Luciano José Martins da Silva (5^a RE)
Almir Lemos Nogueira (1^a RE)

Comissão Editorial

Blanches de Paula
Eber Borges da Costa (Coordenador
da Editeo)
Helmut Renders
João Batista Ribeiro Santos
José Carlos de Souza

Responsável por essa edição:

Editores:

Antônio Carlos S. dos Santos
Luana Martins Golin
Assistente Editorial: Fagner Pereira
dos Santos

Revisão:

Antônio Carlos S. dos Santos
Luana Martins Golin
Capa: Fagner Pereira dos Santos
Editoração eletrônica: Maria Zélia
Firmino de Sá

Mosaico Apoio Pastoral EDITEO

Caixa Postal 5151, Rudge Ramos,
São Bernardo do Campo, CEP
09731-970

Fone: (0_11) 4366-5958
editeo@metodista.br

Editorial

Gestação: medos e mudanças

LIDIA MARIA DE LIMA



“FILHOS... FILHOS? / MELHOR NÃO TÊ-LOS! /
MAS SE NÃO OS TEMOS. COMO SABÊ-LO?”

(ENJOADINHO / VINÍCIUS DE MORES)

Gestação:
medo
e mudanças

Uma das primeiras frases que ouvi, ainda na enfermaria do hospital, assim que descobri a minha primeira gestação foi: "Ser mãe é ter um coração batendo fora do corpo!". Era uma tentativa de amenizar a ansiedade e o medo, que estavam estampados em meu rosto, diante da notícia de que havia um bebê em meu ventre. Embora o mesmo tenha sido desejado e planejado, não havia como controlar a insegurança e as sensações inexplicáveis que dominavam o meu corpo e a minha mente, assim que soube que iria ser mãe. E não pensem que com a segunda gestação foi diferente: repeti a experiência "da estranheza", "do medo do novo" – que provocava enjoos, insônia, azia e que ia crescendo, sem controle, bem embaixo do meu nariz. E essa inquietação não passou com o nascimento, apenas ganhou outros contornos, conforme as crianças foram crescendo.

Conto-lhes esta história porque nossa sociedade ainda acredita que a maternidade é algo "instintivo", e que é uma condição natural das mulheres. E que somos capazes de gestar, criar e educar, "automaticamente", ignorando o processo de "construção" de relações que se dá entre a mãe e a criança, somada com as interações do meio: a participação (ou não) do pai, as demais pessoas da família, as questões sociais e etc, desde o ventre. Para a pesquisadora Maria de Jesus Correia (1998) a maternidade não corresponde (somente) a um acontecimento biológico, mas a uma vivência inscrita numa dinâmica sócio histórica. Envolve prestação de cuidados, envolvimento afetivo...em medidas variadas. Ou seja, não é possível experimentar a maternidade sem disponibilidade para mudanças e doações constantes, não só por

parte da gestante, mas de todas as pessoas ao seu redor.

TEMPO DE PRÉ-NATAL

Antigamente o período do pré-natal era realizado exclusivamente com a participação da mulher: todas as consultas e exames eram feitos para garantir saúde e bem-estar da gestante e do bebê. Mas, atualmente, já há uma prática de envolver os pais nestas consultas, assim, além, de acompanharem a rotina da gestante os mesmos também realizam exames que auxiliam no diagnóstico e tratamento de doenças que possam comprometer a saúde da mulher, bem como do bebê. Segundo o Ministério da Saúde, ainda há uma resistência por parte dos homens, mas, é necessário incentivá-los a envolver-se com essa rotina.

É direito da gestante participar de, no mínimo, seis consultas de pré-natal, e realizar exames laboratoriais, tais como: Urina, Testagem anti-HIV, Sorologia para toxoplasmose, Imunização antitetânica, Prevenção ou diagnóstico precoce do câncer de colo uterino e de mama e etc. Além disso é importante garantir avaliação do estado nutricional da mulher, prevenindo e tratando de possíveis distúrbios.

Mas, além de todas as questões técnicas e laboratoriais é fundamental que as consultas de pré-natal sejam espaços de fala: a mulher e seu companheiro precisam expor as suas dúvidas, pedir sugestões, contar as sensações e as inquietações que nos

cercam durante esse período. É claro que haverá choro também. Sim! As mulheres grávidas costumam ter crises de choro, aparentemente, sem motivo. Mas, não se preocupe! E os motivos existem: uma mudança hormonal constante, uma elevação no nível de estrogênio e progesterona, que causam essa "montanha russa de sentimentos". Logo, chorar faz parte desse processo. Chore sem medo e sem culpa. Não há nada de anormal nisso.

NASCEU: E AGORA?

Outra frase muito comum durante o processo gestacional é essa: "Quando nasce uma criança, nasce uma mãe!" Mas, acreditem: isso não é uma regra e nenhuma criança nasce com manual. A criança nasce, e aos poucos, a mãe vai se formando, se moldando e se adaptando a esta nova relação. Tudo é novo: as noites ganham novas rotinas e sonoridades; amamentar nem sempre é um processo tranquilo, pode haver dores, fissuras e nem sempre há leite; é preciso contar com as orientações médicas e também com o auxílio da família. Muitas visitas, muitos palpites, nada disso ajuda, quando se está de um pós-parto, de muitas trocas de fraldas e dos choros que, nem sempre, sabemos como identificar. A criança, a mãe e a família precisam de um tempo de adaptação. As demais pessoas até podem ajudar, desde que não sejam invasivas e que compreendam que este é um momento especial e exclusivo daquela família.

A rotina pós-parto também precisa ser observada e acompanhada pela família: o bebê deverá fazer exames, receber as vacinas e avaliar o seu desenvolvimento; a mulher precisa avalizar a amamentação e conferir como o seu corpo está reagindo nes-

Gestação:
medo
e mudanças

se período pós-parto, bem como avaliar a cicatrização e fazer a retirada dos pontos, quando necessário. É nesse momento que o casal discute o planejamento familiar, escolhendo os métodos anticoncepcionais. Vale lembrar que ainda há quem acredite que durante a amamentação a mulher está impossibilitada de engravidar, mas isso não é real. Durante esse período, por conta das mudanças hormonais, a mulher até pode ficar um pouco menos fértil, mas isso não significa que a mesma não possa engravidar. É bom que o casal esteja ciente disso.

E vale lembrar: a mãe tem direito a licença maternidade; mães adotivas também tem esse direito garantido; os pais também tem direito a licença de cinco dias corrido, após o parto; em algumas empresas essa licença pode ser de 20 dias. E no caso da amamentação é assegurada à mulher que, após a licença, durante a jornada de trabalho haja uma concessão de dois períodos de pausas, de trinta minutos cada, para o exercício do aleitamento.

E A IGREJA TAMBÉM PODE E DEVE AJUDAR...

Você consegue imaginar a alegria presente na narrativa bíblica em que Maria visita Isabel? (Lucas 1) – A saudação de Maria, grávida, faz com que o bebê de Isabel, ainda no ventre, estremeça! E Isabel, assim como Maria, fica cheia do Espírito Santo. Ambas são destacadas como “benditas” – ou seja – são pessoas

felizes e abençoadas. As demais gestantes da Bíblia também experimentam essa alegria e tiveram a vida transformada pela chegada de suas crianças: Ana, Sara, Rebeca, Agar e tantas outras. E essas crianças marcaram a história do cristianismo, porque colaboraram para o processo de libertação descrita nas narrativas bíblicas.

A criança tem esse “poder” de transformar e renovar o ambiente em que estão inseridas. Talvez, por isso, Deus se fez criança. Veio para renovar e transformar a sociedade, com singeleza, beleza e esperança. Apresentou-se a humanidade assim: um menino-Deus! Portanto, se na sua comunidade de fé há gestantes ou crianças de colo, celebre essa dádiva. Promova encontros de gestantes, para trocar experiências, convide uma agente de saúde do bairro para promover palestras sobre a saúde da gestante e do bebê; promova chás para ajudar a compor o enxoval da criança. Celebre com a família esse lindo momento!

Se o coração já bate fora do peito, ou seja, se a criança já nasceu, faça uma acolhida bonita, reserve um momento na liturgia do culto para orar pela família e para apresentar essa criança a comunidade. Futuramente, organize junto com os pais a cerimônia de batismo dessa criança, lembre-se que dos tais é o reino dos céus e esse rito, dentro da tradição metodista, não pode ser negado a nenhum pequenino/a.

Lembre-se das palavras do profeta: *Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses*

da madre, te santifiquei; às nações te dei por profeta. (Jeremias 1:5). Cuidemos das nossas gestantes e também de nossas crianças; elas são a expressão do amor de Deus pela humanidade.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Mariza Silva; SILVA, Isília Aparecida. *Necessidades de mulheres no puerpério imediato em uma maternidade.* Rev esc enferm. USP, v. 42, n. 2, p. 347-54, 2008.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CORREIA, Maria de Jesus. *Sobre a maternidade. Análise psicológica,* v. 16, n. 3, p. 365-371, 1998.

DINIZ, C. S. G. *Maternidade voluntária, prazerosa e socialmente amparada.* DINIZ, CSG et al. *Saúde das mulheres: experiência e prática do coletivo feminista sexualidade e saúde.* São Paulo: Coletivo Fem. Sexualidade e Saúde, p. 79-98, 2000.

DE FIGUEIREDO, Márcio Grei Alves Vidal; MARQUES, Alessandro Cristaldo. *Pré-natal: experiências vivenciadas pelo pai.* Cogitare Enfermagem, v. 16, n. 4, 2011.

RODRIGUES-CÂMARA, Cátia Cilene. *Maternidade e Espiritualidade: aspectos simbólicos.* *Paralellus*, v. 6, n. 13, p. 467-494, 2016.

Pastora, Mestra em Ciência da Religião e Professora na Faculdade de Teologia Metodista

*Gestação:
medo
e mudanças*

O Mundo é minha paróquia: Metodismo e Reforma Protestante

MARCOS MUNHOZ DA COSTA

INTRODUÇÃO

A Reforma Protestante, no século XVI, e o Movimento Metodista, no século XVIII, tem em comum a dinâmica que os impulsionou do centro da Europa e os colocou em destaque nos mais longínquos rincões do planeta. Bem verdade que este processo de desenvolvimento e mobilidade ocorreram em tempos cronológicos diferentes. Compreender a dinâmica de construção destes movimentos, bem com sua capacidade de locomobilidade e abrangência, como hoje são conhecidos, requesta uma breve memória dos contextos nos quais acontecem suas gêneses.

DESENVOLVIMENTO

No continente Europeu, os séculos XI e XII foram marcados por algumas mudanças importantes que foram fundamentais para a compreensão do grande desenvolvimento dos séculos posteriores, especialmente o século XVI. O feudalismo desde o longínquo século V, quiçá anterior, caracterizou-se por uma economia fundamentada na produção apenas do necessário para o consumo e a utilização das habilidades dos servos do feudo para a fabricação de mobiliários e outros bens de consumo em nível artesanal, conforme Huberman:

Nos primórdios da sociedade feudal, a vida econômica decorria sem muita utilização de capital. Era uma economia de consumo, em que cada aldeia feudal era praticamente auto-suficiente. HUBERMAN 26

Este modo de vida feudal, por vezes via-se diante de uma produção maior que a demanda e procurava vender o seu excedente a outros; outras vezes a escassez, por razões climáticas obrigavam a compra de produtos em outros feudos. Como afirma PIRENNE:

Há, pois, a intervalos, sob a influência dos fenômenos atmosféricos, um comércio usual que mantém nos caminhos e nos rios uma circulação intermitente. Acontece, também, que nos anos de prosperidade, procura-se, pelos mesmos meios, vender fora o excedente da vindima ou da colheita. PIRENNE p. 15

Ora isto não quer dizer que se possa classificar estas atividades comerciais esporádicas e de pouco volume como uma atividade comercial profissional, pois o mercador estava reagindo as necessidades de acordo com as circunstâncias que se lhe apresentavam; as bases do latifúndio não tinham o comércio como ramo de atividade fundamental. O comércio era difícil, também, pela precariedade das estradas, o uso constante de pedágios pelos senhores feudais que cobravam das caravanas para passar por suas terras e ainda por causa dos assaltantes, a falta de segurança gerava medo nos mercadores. Outras razões ainda se mostravam significativas. O escambo, por exemplo, era a forma mais comum pela ausência ou baixa circulação de moeda.

O dinheiro era escasso e as moedas variavam conforme o lugar. Pesos e medidas também eram variáveis de região para região. O transporte de mercadorias para longas distâncias, sob tais circunstâncias, obviamente era penoso, perigoso, difícil e extremamente caro. HUBERMAN p 27

No contexto do feudalismo a Igreja assumia papel importante

O mundo
é a minha
paróquia



na formação religiosa, social, política, moral e econômica. Sendo possuidora de grandes quantidades de terra, mantinha servos em seus latifúndios, detinha poder e recursos (riqueza) e beneficiava-se do sistema com certo controle sobre o mesmo.

Esse contexto gerado pelos latifúndios perdurou por vários séculos, mesmo assim o advir do desenvolvimento dos mercados nacionais, no continente europeu, bem como o incremento da economia monetária, ou seja o uso da moeda no exercício do comércio, associado a exploração das rotas comerciais com o Oriente geraram grandes dificuldades para a sustentação do sistema feudal que sofre diante do advento da Burguesia que se estabelece por meio das novas modalidades econômicas, a reorganização das cidades, a formação de lideranças burguesas e outras questões decorrentes.

Estas condições iniciadas no século XI e que caminharam a passos firmes até o fim do século XV forneceram as condições adequadas para a revolução comercial que ocorreu mais precisamente entre os XVI e XVIII.

O século XVI ficou marcado pela mudança de eixo do Mar Mediterrâneo para o Oceano Atlântico em busca de novas terras, novos mercados consumidores; a este movimento se deu o nome de expansão ultramarina (especialmente os Italianos, Espanhóis e portugueses – embora estes tenham recebido financiamentos de outros Estados Europeus), o Continente Europeu “descobre” o atlântico e por meio deste imenso oceano as novas terras, os novos polos comerciais, gerando novas riquezas, fortalecendo assim o conglomerado de nações europeias configurando uma nova Europa; com o fim do feudalismo e advento ao poder dos grupos burgueses.

Neste contexto convulsionado pelas necessidades da burguesia de ter novos mercados, há uma enorme mudança na sociedade forjada pelos vieses econômico,

social, político e religioso. A Igreja Já não tem mais grande autoridade sobre as ciências, antes, a fé entra em debate constante com o conhecimento e os novos saberes, muitos dogmas e paradigmas vão sendo quebrados, foi isto que permitiu a expansão ultramarina e a conquista do mar, o Atlântico é a marca de uma nova sociedade que não ouve primeiro a Igreja e seus dogmas, mas, embora mantenha vínculos fortes com a Igreja, a questiona, bem como seus saberes, suas metodologias e principalmente sua maneira de ler o mundo e seus movimentos sociais, políticos, econômicos e científicos.

Considerando, então, estes aspectos da dinâmica em que está envolvido o continente europeu, o Movimento da Reforma Protestante, muito mais do que uma reforma da Igreja para tratar das questões da fé, é um grito de liberdade e rompimento das amarras que prendem o desenvolvimento do mundo ocidental. Lutero e seus contemporâneos lideram a reforma, não apenas da Igreja, mas também das relações com o saber (discute ciência

*O mundo
é a minha
paróquia*

e fé), das relações econômicas (Igreja, o povo e os surgimento dos grandes capitais burgueses), das relações políticas e de poder (Igreja e os senhores feudais e a nova configuração social que a burguesia propõe). Não obstante a Reforma Protestante se notabilize pelos “cinco solas” que representam a ação de protesto contra a Igreja e crie assim um ambiente favorável ao surgimento de novas denominações cristãs, como o luteranismo, é evidente que a Reforma tem por traz de si todo o contexto favorável do desenvolvimento da Burguesia e da notável mudança de ótica em relação a vida, já se desvincilhando de dogmas religiosos.

Neste quadro de significativas reformas, demonstra a história que os processos iniciados desde o século XVI teriam por consequência a revolução industrial; esta a passos largos cria uma nova visão de mundo pautada pelo capital. O século XVIII destaca-se pela corrupção total dos costumes e valores na Inglaterra como nos informa Fitchett:

Entretanto, a vida espiritual da Inglaterra nesse momento estava indubitablemente se esgotando com rapidez. A sua vida publica corrupta; o seu clero desacreditado; a sua Egreja gelada; a sua teologia exaurida dos elementos cristãos. Tal era a Inglaterra do século dezoito ! (FITCHETT, 1927)

Todavia a revolução industrial oferecia recursos para o desenvolvimento urbano, o avanço industrial, a produção em larga escala e a busca constante de novos mercados, impulsionando assim com grande vigor a colonização das novas terras, especialmente as Américas. O movimento

industrial produz transformações sociais significativas que trazem consigo novos desafios de organização social, política e econômica. Também devemos pensar nas ciências e seus “achados” ou sejam suas descobertas, suas invenções, que em ritmo muito mais intenso que em séculos anteriores vai oferecendo novos recursos a humanidade e transformando assim a sociedade. O desatrelar das ciências do controle da Igreja promove um aceleramento tecnológico que em breve tempo oferece novas formas de viver, se comparados ao sistema feudal.

Este contexto social novo, por vezes caótico em função de pouquíssimas garantias aos trabalhadores fabris e seus familiares, assim como o déficit de serviços ligados a nova conjuntura social, política e econômica, que geram muitos problemas sociais, a decadência da religião oficial do Estado Inglês, favorece o desenvolvimento do Metodismo que tem na data de 24 de maio de 1738, na experiência pessoal de John Wesley, o ícone da criação de um grande movimento de caráter reformador como o Movimento iniciado por Lutero do século XVI . O Movimento Metodista fundado por:

João Wesley propunha um movimento de avivamento espiritual, que evitava manifestações de irracionalismo, organizava-se de forma dinâmica e bem estruturada, preocupava-se com o planejamento e

*O mundo
é a minha
paróquia*

Ano 25, n. 54, janeiro-junho 2017

o uso racional do tempo e dos recursos financeiros, além de ter como marca característica o estudo metódico e regular das escrituras e das condições da sociedade inglesa da época. (GOODWING, 2006).

O cenário histórico descontornado pelo século XVIII nos permite refletir sobre a expressão : “...considero todo el mundo como mi paroquia...” (GONZÁLES, 1998) em outras traduções “Eu olho para todo o mundo como minha paroquia” (BELLA, 2016) ou ainda como no título do artigo, “o mundo é minha paróquia”. Wesley tem como certo seu chamado para pregar o Evangelho, discute seu dever sagrado de declarar as boas novas da Salvação, como afirma Lelièvre:

“He sido llamado para predicar el evangelio, y ay de mí si no lo hiciere en cualquier lugar del mundo habitado em donde estuviere ! (LELIEVRE, 1988)

A esta altura Wesley já não pode mais exercer a superintendência de uma paróquia, visto estar em processo de suspensão de suas atividades pastorais na Igreja Anglicana, conforme registra Lelièvre:

Los hombres me prohíben el hacer **ésto** en parroquia ajena, es decir, en otros términos, que no lo haga eu ninguna parte, pues bem se ve que ahora no tengo parroquia y tal vez jamás a tenga. A quién oiré entonces, á Dios ó á los hombres ? Jusgad vosotros si se debe obedecer á los hombres antes que á Dios. Considero todo el mundo como mí paroquia;

quiero decir que, em cualquier parte em que este, juzgo conveniente y justo é impresindible deber exponer à todos los que quieran oír las buenas nuevas de salvación (LELIÈVRE, 1988)

O termo paroquia refere-se a jurisdição eclesiástica, terras sob a influência da Igreja, sua datação e origem, oferecida pelo historiador Luís da Câmara Cascudo, ocorre entre os séculos III e IV (Paula, 2010). Para o século XVIII ainda se respira a ideia da paroquia como jurisdição da Igreja, mas difundida e compartilhada, também, pela Igreja Anglicana. A palavra mundo, por sua vez, no contexto da fala de Wesley, conforme Lelièvre, acima citado, refere-se a todo e qualquer lugar sobre a terra, no entanto vemos que o Movimento Metodista influenciado pelas transformações sociais que se iniciaram no século XV com a reforma Protestante, com a mudança de eixo ultramariño, já citados acima, e a revolução industrial - em curso nos dias do Movimento Metodista - voltou seus olhos para o novo mundo, as novas terras do ocidente.

Então pensar o mundo (terra) como paróquia é pertinente ao pensamento wesleyano, no entanto o que se pode destacar é que o Movimento Metodista utiliza as "correntes ultramarinas" e navega na direção em que o poder econômico aponta, às novas terras, os novos mercados, o sonho de crescimento por meio do comércio, já iniciado no século XVI, por meio da revolução comercial, e acelerado no século XVIII, por meio da revolução industrial.

O processo de desenvolvimento instalado em terras europeias pelas revoluções comercial

e industrial nos faz refletir sobre certa "coincidência" que ocorre no trajeto realizado pelos: movimento da Reforma Protestante, o Movimento Metodista e o movimento burguês em direção as novas terras. Uma leitura favorável pode ser feita do ponto de vista da expansão missionária dos movimentos que abrigam-se na otimização de recursos financeiros, na utilização das rotas de navegação já instaladas, da maior facilidade de adaptação aos novos mundos pela esteira cultural construída a partir das conquistas das novas terras e mercados, e na leitura missionária wesleyana que entendia ser todo e qualquer lugar uma paróquia na qual se deveria proclamar a Palavra de Deus ("sola scriptura", herança da Reforma Protestante).

O movimento da Reforma Protestante e o Movimento Metodista tem muitas semelhanças, não só nas questões doutrinárias, mas nas questões referentes ao movimento de transformação social, político, econômico e científico pelo qual a Europa passou durante os séculos XVI, XVII e XVIII. Lutero e Wesley desejavam uma Igreja reformada, Lutero o Catolicismo Romano, Wesley o Anglicanismo Inglês, mas ambos foram influenciados, ou induzidos, pelo movimento do mercado e do capital a caminhar nas veredas da burguesia como caminhantes que tem poucos rumos a seguir. Parece que nesta leitura o oriente foi preterido, pelo menos de imediato, uma pesquisa de maior fole-

go poderá apontar outra leitura sobre o oriente como paróquia longínqua.

CONCLUSÃO

O Metodismo tem suas raízes na reforma Protestante, mas também beneficiou-se das revoluções comercial e industrial que por suas naturezas produziram uma nova sociedade, que foram a matéria prima para as reflexões de Wesley e o surgimento do Movimento Metodista. O Metodismo contemporâneo ainda afirma a máxima Wesleyana "o mundo é minha paróquia", oxalá saibamos andar, com sabedoria, pelas estreitas veredas da evangelização e da missão sem nos tornarmos uma seita, um dos maiores temores de John Wesley, quanto ao movimento que ele fundara.

É certo que os passos dados pela Igreja Cristã, ao longo dos séculos, sempre estiveram influenciados ou até mesmo atrelados, a reboque, das mudanças sócio, político e econômicas. Não se poderia exigir que fosse diferente, afinal seguir a esteira da sociedade tem sua inteligência, a questão é o atrelar-se aos modismos e transformações negligenciando o povo, razão da missão e da evangelização. A questão que se coloca para o Metodismo contemporâneo é a reflexão necessária sobre como realizar a evangelização e a missão, como fazê-lo, quando fazê-lo, porque fazê-lo, sem que a Igreja fique a mercê dessas transformações perdendo sua identidade histórico-doutrinária, permissivamente, dobrando-se as propostas do mercado, do capital e de uma eclesiologia frágil, sem fundamentos, desconfigurando-se como Igreja de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

O mundo
é a minha
paróquia

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELLA, Izilda, Joh Wesley, 2016. Disponível em : <https://www.johnwesleyizildabella.com.br/>. Acesso em 29/03/2017.

FITCHETT, w.h., Wesley e seu século, São Paulo, Imprensa Metodista, 1927.

GONZÁLES, Justo L., Obras de Wesley ; cartas Tomo I Franklin, Tennessee, Providence House Publishers, 1998.

GOODWIN Jr., James William. A crise do “Cristianismo Humanista”: o caso da Igreja Metodista. IN: SILVEIRA, Diego Omar; AL-

MEIDA, Ivan Antonio de (orgs.). Anais Eletrônicos do VIII Ciclo de Estudos da Religião: Cristianismo – Ritos e Representações. Editora da Universidade Federal de Ouro Preto, setembro de 2006. [CD-ROM]. Disponível em : <http://www.metodistavilaisabel.org.br/artigosepublicacoes/descricaocolunas.asp?Numero=1455> Acesso : em 29/03/2017.

HUBERMAN, Leo, Historia da riqueza do homem, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.

LELIÈVRE, Mateo, Juan Wesley su vida y su obra, Editora Libros CLIE, 1988.

PAULA, Thiago do N. T., A construção da Paróquia: Espaço e participação na capitania do Rio Grande do Norte, 2010. Disponível em : <http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v3n2/thiago.pdf> . Acesso em 29/03/2017.

PIRENNE, Henri, História Econômica e Social da Idade Média, São Paulo, Editora mestre Jou, 1966.

Marcos Munhoz da Costa, Mestre em educação pela Universidade Metodista de São Paulo, docente da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista.

*O mundo
é a minha
paróquia*

A Páscoa, e algumas passagens

JOÃO BATISTA RIBEIRO SANTOS



*SÊ BENDITO, SENHOR, QUE SANTIFICAS
ISRAEL E AS FESTAS
(BÊNÇÃO DE LITURGIA PASCAL JUDAICA)*

*A Páscoa,
e algumas
passagens*

Ano 25, n. 54, janeiro-junho 2017

No antigo Israel, a vida religiosa fazia parte das interações culturais dos lugares de vivências, não apenas das tradições normativas. Cultuava-se em casa a divindade protetora da família e na aldeia celebrava-se as festas anuais nos santuários ao ar livre, onde as famílias locais se reuniam (cf. 1Sm 9.12-13; 20.6) sem hierarquização.

A festa da Páscoa (*Pesah*) era familiar, e uniu-se com a festa dos pães ázimos (*maṣṣot lehem*). A centralização do culto no templo foi a responsável por mudanças nos ritos de celebração; as festas faziam parte da vida cotidiana de moradores de cidades e aldeias, seguindo o calendário agrícola local. Ao ficar restrita ao templo e submetida à sua regulamentação, a Páscoa tornou-se uma festa oficial de peregrinação. Parece que essa unificação organizacional ocorre no reinado de Josias, uma novidade!, na expressão do narrador de 2Reis 23.22.

Em suas origens arcaicas do ritual de pastoralistas de gado miúdo do antigo Israel, a Páscoa aparece como uma defesa contra *mašhit*, o “exterminador”; a escolha de gado miúdo indica que os primeiros assentados na região do Jordão ainda não criavam gado graúdo. “O medo do perigo específico da *pesa*” é mais antigo que a explicação histórica, e a própria *pesah* é mais antiga que a *pesah* relacionada com Yhwh” (WILLI-PLEIN, 2001, p. 110).

Os promotores da reforma deuteronômica enquadram a profissão de fé em Javé, o libertador da escravidão no Egito, no marco dos cultos familiais mais importantes, a

festa de apresentação das primícias (Dt 26.1-11) e a festa da Páscoa, que foi unificada com a festa dos pães ázimos (Êx 13.3-10). O registro mais antigo dessa unificação das festas no calendário litúrgico possivelmente esteja em Deuteronômio 16.1-8, a *pesah* de Javé, traditada desde a época do exílio na Babilônia.

Em adição, sublinhemos que o antigo Israel possuia três “calendários de festas” anuais, cronologicamente sequenciais: Êxodo 34.10-28, pré-estatal; Deuteronômio 16.1-17, monárquico; Levítico 23, sacerdotal após o exílio babilônio. São acrescentadas regras sabáticas (Dt 15; Lv 25) e regras para o culto sacrificial (Lv 1-7). Para Erhard Gerstenberger (2014, p. 456-457), todos os textos são da época Persa Aquemênida, pois supõem a centralização do culto de Javé em Jerusalém; sendo as modificações da história do culto resultados das mudanças regionais.

Como reflexo da reforma babilônica do calendário, no qual o início do ano foi deslocado do outono para a primavera, os textos canônicos da festa anual da Páscoa apresentarão ao menos três variações: Êxodo 34.18; Deuteronômio 16.1-8; Levítico 23.4-14. Outro reflexo da reforma no calendário é o fato de a Páscoa passar a anteceder imediatamente o verão (cf. 2Rs 23.21-23; 2Cr 35.1-19; Ez 45.21-24; 2Cr 30.1-37).

Ficam preservadas as histórias do êxodo; com elas, a libertação do Egito simboliza ao mesmo tempo a libertação da Babilônia, ainda que a Páscoa continue a ser celebrada de diferentes formas, como demonstra o segundo livro das Crônicas, capítulos 30 (“Páscoa do rei Ezequias”) e 35 (“Páscoa do rei Josias”).

Após a destruição do templo e a dispersão das populações judaicas a países estrangeiros, as circunstâncias permitiram nova mudança na festa pascal. Segundo Rainer Albertz (1999, p. 527), na época do exílio retomou-se o costume da celebração em família nas residências. O registro dessa retomada cultural exílica consta na redação Sacerdotal de Êxodo 12, informando que o pai de família era o organizador da festa (12.3). O acontecimento comunitário é o sacrifício do cordeiro (12.6), mas a alimentação da Páscoa é feita em casa (12.3-4, 8ss.), num ritual no qual faz parte os pães ázimos, comido desde o primeiro dia à noite (12.15). Sem embargo, a Páscoa é o que sugere o próprio nome: uma celebração na *passagem* noturna de um dia para outro.

Beneficiados com o édito de Ciro em 539 a.C., os parentes da segunda e da terceira geração dos judaicas exilados entre 597 e 587 a.C. só retornam a Judah quando Dario I (522-486 a.C.) está no poder. Com a construção do Segundo Templo nesse período, eles podem celebrar a festa dos pães ázimos, junto com a Páscoa, como celebração de peregrinação. Quando surge o problema de afixação de uma única data para todas as famílias, cria-

A Páscoa,
e algumas
passagens

-se uma nova legislação (cf. Ex 12.43-50; Nm 9.1-14).

O conjunto redacional muito extenso de Êxodo 12.1-13.10 contém, segundo Ina Willi-Plein (2001), uma compilação narratológica completa da Páscoa. Aqui destacamos a camada mais antiga, do século VIII a.C.:¹

v. 21-23 – *E chamou Moisés a todos os anciãos de Yísrah'él e disse a eles: “Tirai e tomai para vós gado miúdo, conforme as vossas famílias e degolai a pesah, e pegareis feixe de hissopo e mergulhais no sangue que na bacia, e aplicai à padieira e aos dois de umbrais, do sangue que [está] na bacia; e vós não saireis, cada um da entrada da casa dele até de manhã. E atravessará Yhwh... e não permitirá o que faz exterminar para ir para as vossas casas para golpear.*

v. 29-31 – *E aconteceu que à meia-noite, e Yhwh feriu todo primogênito na terra do Egito, desde o primogênito do faraó, o que se assentava sobre o trono dele, até o primogênito do prisioneiro, que na masmorra; e todo primogênito do animal. E se levantou faraó aquela noite, e todos os escravos dele e todo o Egito, e houve grande clamor no Egito, porque inexistia casa que não houvesse ali o que morre. E ele chamou a Mōshēh e 'Ahārōn, de noite, e disse: “Levantai-vos, saí desde o meio do meu povo”.*

v. 37-39 – *E partiram os filhos de Yísrah'él desde Ra'mēsēs a Sukkōtāh, cerca*

de seiscentos mil a pé, sem contar os inermes; e também mescla de gente numerosa subiu com eles, e gado miúdo e gado graúdo, gado muito pesado. E cozeram a massa que fizeram sair do Egito, bolos de pães ázimos, porque não fermentara, porque haviam sido expulsos do Egito e nem puderam para se demorar, e também provisão não tinham feito.

v. 42 – *Noite de vigília ela para Yhwh.*

A datação obedece ao mês da primeira lua da primavera, o dia 10 de nisan; o escrito Sacerdotal diz “um primeiro mês”, embora essa camada redacional entendesse que o ano começasse no outono; aí escolhe-se o animal. A Páscoa começa na passagem do dia 14 para o dia 15 de nisan.

No tempo do curto crepúsculo entre os dois dias que formam o meio do mês, o animal é degolado, sendo comido durante a noite. Assim se explica também a pressa, por motivos puramente práticos: se o Êxodo aconteceu à meia-noite, isto é, quando “na metade da noite” a refeição pascal já devia estar terminada, então havia pressa mesmo. A Páscoa, portanto, é uma festa noturna que coincide com a primeira lua cheia da primavera (WILLI-PLEIN, 2001, p. 109).

Como ritual primitivo de meio ambiente agrícola, sem a formalização templar, é o pai de família que abate o animal e dirige o ritual apotropaico do sangue (afastar malefícios); ele não tocava no sangue, mas usava um ramalhete de hissopo, com o qual o aspergia ao quadro da porta. Essa era a proteção contra o “exterminador”.² Cabem duas observações: a pesah samaritana diz respeito ao ritual primitivo; e a pesah egípcia foi sobreposta por novas lendas de libertação pelas populações assentadas na região do Jordão.³

Trata-se “do mais sugestivo, do mais alegre e do mais inesquecível de todos os ritos familiares do judaísmo”. Nele se celebra o acontecimento fundamental da história e da espiritualidade judaica, o fim da escravidão e o início da liberdade, e consiste na participação em uma refeição simbólica (antes da refeição real), no qual cada elemento lembra um aspecto da noite, na qual Deus “com mão forte” e “com braço poderoso” tirou seu povo do Egito e o introduziu na Terra Prometida. As ervas amargas lembram os sofrimentos dos antigos pais debaixo da fiscalização dos patrões egípcios; a pata do cordeiro assado, o sacrifício do cordeiro pascal que obriga o anjo da morte a “passar adiante” nas portas dos judeus; o haroset, um doce feito de mel e nozes, a alegria e a doçura da liberdade (DI SANTE, 2004, p. 177).

Numa grandeza socioétnica seminomádica, eis o ambiente de grande alvoroço: muita pressa, roupas de viagem, o pão sem fermento comido junto com a carne e as ervas amargas. Em adição, a alegria representada pela festa

¹ A tradução do texto hebraico foi realizada pelo autor do artigo, a partir da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (www.academic-bible.com).

A Páscoa,
e algumas
passagens

² O termo usado é o mesmo que indica a “peste” (cf. 1Cr 21.12).

³ Pesquisas arqueológicas têm datado os assentamentos dos 'ibērīm no século XII a.C.

da Páscoa é testemunhada pelo Saltério (Sl 66; 84; 87; 105; 106; 136). Lê-se especialmente o *hallel* (Sl 113-118) e versos do Cântico dos Cânticos.

Para Gerstenberger (2014, p. 458), isso demonstra que “a Páscoa se tornou um sinal de identidade das comunidades judaicas”. Mas podemos estender essa cultura identitária para a Igreja cristã, filha dos êxodos e das sinagogas,

e, com elas, herdeira das formas de liturgia, das festas e da palavra de Javé.

REFERÊNCIAS

ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. Vol. 2. Madrid: Editorial Trotta, 1999.

DI SANTE, Carmine. *Liturgia judaica: fontes, estrutura, orações e festas*. São Paulo: Paulus, 2004.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Israel no tempo dos persas: séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo: Loyola, 2014.

WILLI-PLEIN, Ina. *Sacrifício e culto no Israel do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2001.

Professor e Pastor Metodista. Mestre em Ciência da Religião pela UMESP.

*A Páscoa,
e algumas
passagens*

O tempo da Páscoa: o resgate da pastoral do (des) amparo (...à mulher)

JORGE SCHÜTZ DIAS

As narrativas bíblicas dos antecedentes, denúncia, prisão, julgamento, sentença e consequente aplicação da pena de morte de Cristo na cruz no lugar chamado Caveira registram expressões verbais de Jesus no percurso, como: “Ela (a mulher em Betânia) antecipou-se a ungir-me para sepultura” (Mc 14.8); “O Filho do Homem vai como está escrito a seu respeito” (Mc 14.21); “Levantai-vos e vamos. Eis que o traidor se aproxima.” (Mc 14.42); “Pilatos o interroga: É tu o rei dos judeus? Jesus: tu o dizes” (Mc 15.2); “À hora nona, clamou Jesus em alta voz: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mc 15.34).

Coloca-se, por primeiro, em destaque a expressão “por que me desamparaste” como reconhecimento que, não somente no cenário narrativo a condição de desamparo precede a morte, “mas Jesus, dando um grande braço, expirou.” (Mc 15.37), mas na realidade da vida, inclusive da humana, a estação do desamparo prenuncia e aproxima a plena degradação da vida.

É, por outro lado, digno de nota, que o desamparado no limite extremo de sua dor e abandono, da cruz, estende os braços sua mãe, Maria-Mulher, entregando-a aos cuidados e proteção de João. O Cristo, desamparado na cruz, ampara a amae-mulher. (João 19.28-28).

Neste tempo pascal é conveniente que se reflita acerca da mulher na sociedade e para provocar essa reflexão recorre-se ao estudo da mulher na sociedade segundo o relatório anual do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) publicado pela ONU neste mês de março/17 dando conta da posição (e oposição à) da mulher na sociedade, em relação a sua inserção no mercado de trabalho e suas demais correlações sociais, como aponta:

O Relatório defende com veemência que as mulheres estão em desvantagem no mundo do trabalho, tanto remunerado como não remunerado. Na esfera do trabalho remunerado, a sua participação na força de trabalho é inferior à dos homens, a sua remuneração menor, o seu trabalho tende a ser mais vulnerável, além de se encontrarem sub-representadas em cargos de responsabilidade e de decisão (*).

Esta constatação implica que, mesmo em condições de paridade de trabalho profissional em

cargos ocupados por homens, o rendimento da mulher é 25 a 30% a menor. O relatório ainda aponta que no quadro das desigualdades sociais e distribuição da riqueza “Até 2016, 50 por cento da riqueza tenderá a ficar na posse dos 1 por cento mais ricos”, e neste espaço rarefeito de acesso negado às mulheres prevê-se toda a sorte de carências decorrentes dessa obstrução aos bens da vida, para si e para sua prole. E o quadro tende a se agravar, a partir deste tempo que “Em todo o mundo, 795 milhões de pessoas sofrem de fome crônica, 11 crianças com idades inferiores a 5 anos morrem a cada minuto e 33 mães morrem a cada hora.” Excetuando-se casos de melhorias pontuais da assistência às mulheres, concretamente, a Lei Maria da Penha, nº 11.340, de 7 de agosto de 2006, que procura coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, assim, a realidade mundial é que “no final de 2014, uma em cada três mulheres sofreu algum tipo de violência física e abuso sexual, no mundo”. Por outro lado, são as mulheres a força de intervenção voluntária que, a partir de suas competências, colocam-se a serviço do próximo nas diversas agências ao redor do mundo que prestam assistências às pessoas em situação de risco, e dessa colossal mão de obra especializada, voluntária, que estende as mãos ao outro, as mulheres representam sessenta

O tempo
da Páscoa



por cento desse contingente de agentes do bem.

Entretanto, aponta ainda o relatório a *multi-inserção* das mulheres em diferentes afazeres:

O trabalho [da mulher] de prestação de cuidados inclui o trabalho doméstico, como por exemplo a preparação de refeições para a família, a limpeza da casa, a recolha de água e combustível, bem como a prestação de cuidados a crianças, idosos e membros da família que estão

doentes, seja a curto como a longo prazo. Na maior parte dos países, em todas as regiões, as mulheres trabalham mais do que os homens. Estima-se que as mulheres respondem por 52 por cento do trabalho global e os homens por 48 por cento. (*)

*O tempo
da Páscoa*

Ano 25, n. 54, janeiro-junho 2017

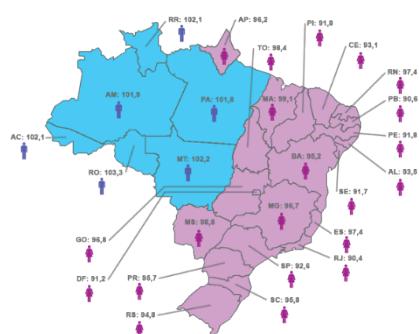
No relatório da ONU, ao colocar homens e mulheres lado a lado e estabelecendo a comparação de que mulheres trabalham mais do que os homens, não se trata meramente de um apontamento para acirrar a disputa de gênero, mas sim de reconhecer que mundialmente as sociedades esperam e contam com a benemerência feminina, seus gestos de acolhimento, suas ações de inclusão, e seu sacerdócio em favor daqueles/daqueles que sofrem.

O mundo não pode prescindir da atuação e presença das mulheres, de um lado, por outro o acesso das mulheres a momentos de lazer e bem-estar, espaços esses que conferiam a elas alguma recompensa justa e devido reconhecimento; nisto também são minimizadas, pois são discriminadas, como revela a pesquisa:

Considerando uma amostra de 62 países, os homens dedicam em média 4,5 horas por dia à vida social e ao lazer, contra 3,9 horas no caso das mulheres. Nos países de desenvolvimento humano baixo, o tempo que os homens dedicam à vida social e ao lazer é cerca de 30 por cento superior ao das mulheres. Em países de desenvolvimento humano muito elevado, a diferença é de 12 por cento. (*)

A partir dos indicadores acima, é fácil concluir que a mulher, nas diferentes dinâmicas familiares é agente que promove o bem-estar dos membros de sua família, em sentido restrito, propiciando condições para homens e crianças curtam momentos de lazer e descontração, enquanto ela se ocupada de criar estruturas para que isso aconteça.

A presença da mulher na população brasileira:
Na população brasileira, as MULHERES são mais



2014 IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (<http://teen.ibge.gov.br/images/teen/mulher/diainternacional/index.htm>)

numerosas... apenas nos Estados do Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Pará, Rondônia, Roraima e Tocantins, homens superam o total de mulheres. (IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, 2012) Razão entre o número de homens e o número de mulheres: = **mais mulheres que homens.** = **mais homens que mulheres.**

Ao considerar a proporcionalidade da distribuição de mulheres e homens no território nacional, segundo o quadro acima refletido por pesquisa do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é natural se assimilar o que intuitivamente se observa nas diferentes comunidades de fé, a saber, o número, por vezes expressivo, na presença feminina.

Portanto, por esta, e outras razões expostas na neste artigo sobre a presença e atuação das mulheres no mundo, e o custo de todas as ordens para sua inserção e reconhecimento social, aponta-se que no tempo Pascal, a recomendação do crucificado acolhendo a excluída, amparando a desamparada, protegendo aquela que se encontrava em situação de risco e sujeita à violência, há de soar desafio à Igreja.

Existem formas concretas de assistência pascal às mulheres, numa perspectiva de amparo, estando elas inseridas ou não em determinada comunidade de fé, a saber:

O tempo da Páscoa

Ano 25, n. 54, janeiro-junho 2017

a) Criar mecanismos de inclusão, formas de manifestação de respeito, e espaço de denúncia contra toda a forma de violência e discriminação;

b) Propiciar meios de acesso de mulheres a funções de liderança nas comunidades, espaços esses, não raro ocupados por homens, considerando que mulheres são capazes de realizar não somente tarefas da praticidade do cotidiano, mas são sim habilidosas em postos de liderança e gestão de diferentes processos institucionais;

c) Estabelecer agendas de discussão sobre a presença da mulher na sociedade, promovendo cursos, simpósios, encontros com conteúdo que articulem não mais domesticação religiosa, mas liberação e assunção da mulher como agente protagonista na vivência da igreja e na sociedade como um todo.

d) Promover o lazer, em todas as suas dimensões à mulher, de forma que as comunidades de fé invertam a lógica de mulher somente como operadora do lazer a terceiros, mas que seja ela inserida nos protocolos do bem-estar físico e mental, com acesso à espaços culturais, e ambientes salugênicos.

Finalmente, amparar a mulher na perspectiva pascal sinalizada pelo crucificado é investir na vida, semear esperança, apontar um mundo novo possível que conte com o milagre da ressurreição do ser humano e da natureza.

(*)http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr15_overview_pt.pdf

Doutor em Ciência da Religião pela
UMESP. Professor na Faculdade
Metodista.

Sobre segunda chance: uma reflexão sobre vida após a morte

PROF. ELIZANGELA A. SOARES

No meio da noite, numa pequena cidade da Austrália, chamada Yoorana, seis pessoas, que viveram em diferentes épocas, inexplicavelmente ressuscitaram dos mortos. Todas em perfeita saúde, inclusive Kate Willis, que havia falecido em decorrência de um câncer de mama.

Também em uma pequena cidade, dessa vez na França, algumas pessoas que haviam morrido em anos diferentes, ressurgiram dos mortos, igualmente com seus corpos em perfeito estado. Cientes da vida que um dia tiveram, não se lembravam, entretanto, de terem morrido e não tinham memória da morte.

Numa cidade do interior dos Estados Unidos, um ônibus escolar caiu de um penhasco, matando várias crianças e professores. Quatro anos mais tarde, essas mesmas pessoas começaram a reaparecer, sem qualquer memória do acidente e sem terem envelhecido um dia sequer.

Após séculos de embate entre fé e razão, finalmente a ciência se debruçou sobre um dos temas mais caros à fé cristã e comprovou, de maneira irrefutável, a existência de vida após a morte. No entanto, em vez de trazer paz de espírito, conforto e uma resposta definitiva a um dos maiores

dramas da existência humana, a descoberta gerou uma onda de suicídios jamais vista na história, com números chegando à casa dos milhões. A pergunta não é mais se a existência se finda com a morte. A questão agora passou a ser: como é a vida após a morte? Com a morte e o medo que ela inspira vencidos, as pessoas querem saber como é o “outro lado” e não querem ter que esperar por isso.

Com esses relatos estamos, é claro, no fascinante âmbito da narrativa de ficção — três séries televisivas (Glitch, Les Revenants e Resurrection) e um filme também feito para a TV (The Discovery). Estes são apenas alguns exemplos da proliferação vista nos últimos anos na produção cultural sobre ou com o pano de fundo da ressurreição e do pós-morte, o que, de certa maneira, demonstra algo de inquietação sobre o tema em outros ambientes, diferentes do religioso.

“Mas ficção não é coisa séria; não serve para reflexão e discussão

são sobre o que é real, porque ficção é o oposto da realidade!” — alguém poderá argumentar. No senso comum, talvez. Porém, o que chamamos de “realidade” é uma construção histórica, permeada por perspectivas subjetivas e modelos de interpretação. Há estudiosos, como Wolfgang Iser, no campo da teoria literária, e Paulo Augusto Nogueira, no campo dos estudos de religião, que defendem a ficcionalidade como forma de conhecimento e construção do mundo. A maneira como organizamos as informações que recebemos por meio dos nossos sentidos e as expressamos já seriam, em si, uma ficcionalização do que entendemos como realidade.

Se seguirmos nesse raciocínio, podemos dizer que a ficcionalidade nos permite pensar possibilidades mais complexas, por exemplo, como imaginamos o paraíso, a vida eterna e o próprio Cristo. Não se trata de algo inventado ou de uma mentira. Trata-se, a partir do nosso contato com textos bíblicos, sermões, cânticos e ensinamentos derivados desses textos, da forma como organizamos esse conhecimento e o integramos como parte do nosso mundo real.

Então, sim, ficção ajuda a refletir, e um dos tópicos recorren-

*Sobre
segunda
chance*

Ano 25, n. 54, janeiro-junho 2017



tes dessa reflexão no espaço das artes é a ressurreição, bem como a vida após a morte.

Em um momento da história humana em que esperávamos já ter superado a morte infligida pela brutalidade, apatia, ganância, ódio e crueldade, ela nos cerca de maneiras assustadoramente violentas. Frente a isso, a ficção pergunta e nos faz perguntar: como seria ter a vida de volta? Haveria algo após a morte? Depois de todos os horrores que presenciamos ou de que somos informados diariamente, haveria uma realidade em que o corpo não está perfurado, não está doente, não foi abusado, não foi afogado, não foi torturado e a alma não se lembra de ter passado por tantos traumas?

Nessa linha, quanto mais nos aproximamos da celebração da Páscoa, mais penso em Jesus. Não tanto no Cristo da fé, no ressur-

reto, mas em Jesus, o homem. E então a ficcionalização que organiza meu conhecimento do mundo deixa minha imaginação criar uma proximidade entre nós dois. Consigo enxerga-lo angustiado, sabendo que suas ações, ainda que justas e amorosas, colocariam fim à sua existência como ele a conhecia, com seus pais, seus discípulos e amigos que pudesse ter feito nos poucos anos em que viveu. Fico pensando: será que ele esperava ser vítima de um julgamento injusto, que infringiu uma série de leis da época, tanto romanas como judaicas, e que o sentenciaria a uma pena que,

embora comum no mundo antigo, era reservada aos crimes capitais? Será que ele tinha ideia da violência do sofrimento a que estaria sujeito quando disse que seria necessário que o Filho do Homem sofresse muito, fosse rejeitado pelos líderes religiosos, chefes dos sacerdotes e pelos mestres da lei, fosse assassinado e, ao terceiro dia, ressuscitasse (Mc 8.31)?

Imagino José de Arimatéia e os sentimentos que o tomaram enquanto baixava da cruz o corpo torturado de Jesus. Que pensamentos teriam cruzado sua cabeça enquanto ele envolvia o corpo sem vida de Jesus naquele lençol? Esperava ele que, em algum momento durante aquele horror, Jesus performasse algum ato maravilhoso em vez de terminar daquele jeito, objeto da injustiça da mesma humanidade que veio resgatar?

Jesus sofreu, sim, uma terrível violência. Contudo, e a despeito

*Sobre
segunda
chance*

das marcas deixadas no corpo (Lc 24.40; Jo 20.20; 27), assim como havia dito, ressuscitou. O modo da sua ressurreição — num corpo físico ou espiritual — não foi unanimidade entre os evangelistas. O apóstolo Paulo tinha ainda uma terceira percepção: o corpo em que Jesus ressuscitou não era nem físico nem espiritual, mas o corpo físico transformado pelo espírito, glorioso. Não entraremos nessa discussão, pois ela é longa. O fato é que a ressurreição de Jesus se tornou paradigmática para os cristãos: ela marca a expectativa de que, na parousia, também nossos corpos sejam ressurretos e redimidos para a vida eterna, literalmente uma vida após a morte.

Existe um grande conforto na esperança da ressurreição final, inaugurada na Páscoa de Cristo. Diante de um mundo cada vez mais esquizofrênico, em que as pessoas enxergam na diferença feiura e ameaça, em que a violência e a crueldade são tão presentes que não causam mais estranheza, em que a morte está

sempre a uma palavra mal compreendida de distância, crer numa segunda chance, especialmente quando se tem em mente os que se foram como vítimas de injustiças, traz certo alento à alma.

As três primeiras ficções citadas no começo deste texto lidam com pessoas que voltam à vida, algumas delas décadas após terem morrido. Como não têm memória da morte, elas não sabem que o curso de tudo o que existe seguiu sem elas. Quando finalmente entendem que estiveram mortas e reviveram, elas tentam reaver ou reencontrar seu lugar no mundo. Se a este ponto, quando chegamos ao fim desta reflexão, conseguimos compreender que ficção e ficcionalização têm sentido positivo, tendo em vista que são uma forma de apreensão do mundo, de organização do que tomamos por realidade, convidado a um exercício de ficcionalizar e perguntar: sendo a ressurreição de Cristo a nossa segunda chance para a vida, que faremos da nossa segunda

chance quando nos encontrarmos com ela?

SUGESTÕES DE LEITURA

ISER, Wolfgang. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. 2. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

NOGUEIRA, Paulo A. S. Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 115-142.

SOARES, Elizangela A. A ressurreição do Jesus histórico: modo e significado. In: NOGUEIRA, Paulo A. S.; MACHADO, Jonas (org.). *Morte e ressurreição de Jesus: reconstrução e hermenêutica. Um debate com John Dominic Crossan*. São Paulo, Paulinas, 2009, p. 117-126.

Leiga e Teóloga. Professora na área de Bíblia e Literatura na Faculdade Metodista.

Sobre
segunda
chance

UM SOPRO DE VIDA: A respeito de Pentecostes

ANTONIO CARLOS SOARES DOS SANTOS –

**“DISSE-ME O
SENHOR:
PROFETIZA A
ESTES OSSOS E
DIZE-LHES: OSSOS
SECOS, OUVI A
PALAVRA DO
SENHOR.”
(EZEQUIEL 37.4)**

INTRODUÇÃO

Esta mensagem em Ezequiel tem um único objetivo: restauração. Não é uma mensagem que tenta levar o leitor a crer na ressurreição de forma literal, mas é uma mensagem que traz novamente a vida a quem já não tinha vida. Podemos entender a situação do texto e seu real contexto partindo da realidade a qual estava inserido o profeta. Ezequiel era um sacerdote do templo que fora levado em cativeiro para a Babilônia e de lá exerceu o seu ministério profético. Israel era prisioneira de uma nação estrangeira. No versículo 11 está exposto o estado de ânimo de Israel: os ossos secaram, pereceu a esperança e estamos acabados, derrotados, exterminados... Esta era a visão que Ezequiel tinha do povo israel-

lita: morte, desespero e sentimento de derrota. Foi nesta situação que Deus convoca Ezequiel para profetizar e de forma estranha e metafórica: profetiza a ossos secos! Ou seja, profetize a esses que estão mortos há muito tempo.

Uma figura de linguagem que mostra a condição de quem diz: a experiência de uma vida perdeu todo interesse e valor. Nem mesmo o medo não há! Porque o medo é um sinal de vida, mas ali, longe de suas terras, de suas origens, tudo parece reduzido a ausência de vida, a silêncio, a morte. As pessoas que diziam “tudo está acabado” falavam como fantasmas, sem tom, nem cor, tudo se perde numa luz cinzenta, uniforme e distinta. E nesta paisagem de “um vale de ossos secos” Deus pergunta: “Filho do homem, porventura tornarão a viver estes ossos?”. A resposta de Ezequiel: “Só tu o sabes, Senhor Deus!” E Deus sabe, como sabe da condição em que hoje se encontram muitas pessoas, como ossos secos, sem vida, sem esperanças, sem expectativas. Sufocados pela opressão que opera em nossos tempos. Mas em Ezequiel temos mais uma vez

Deus fazendo sua obra criadora, da mesma forma que em Gênesis. Por que para Deus a criação é movimento contínuo e Ele cria, restaura e cria novamente sempre que necessário. “Eu sou a ressurreição e a vida...” disse Jesus.

Assim, a profecia se divide em duas etapas.

PRIMEIRA ETAPA

1 - A Palavra é dirigida aos ossos: vss 4-7

Deus ordena a Ezequiel que profetize aos ossos dizendo: “Ossos! Ouçam...”. Vemos que é uma convocação a pessoas sem vida. Um grito de ânimo. É preciso ouvir! Porém afogados que estamos em nossas ambições, não podemos ouvir o chamado legítimo de Deus, não podemos ouvir a Sua Palavra e por isso, quando se ouve entende-se equivocadamente como um chamado à riqueza, ao poder, ao individualismo..., mas são “ossos secos”, porque quem vive de forma distorcida a verdade do evangelho, na verdade, não vive. “Perde-se a vida quando não mais flutuamos ao sabor da bondade de Deus” (Rubem Alves). O chamado de Ezequiel é para que o corpo, a carne volte a compor os ossos. Corpo é sinal de dignidade, de beleza divina, é o visível para ser cuidado, é o viver de forma comunitária. Um corpo sozinho é a individualidade

Um sopro
de vida



dada por Deus, mas o corpo junto a outros corpos é comunidade sonhada por Deus. Não há expressão de amor em uma pessoa que possa ser revelada sem a presença de outro.

Tão valoroso é o corpo que Deus, que é Espírito, assumiu o corpo para falar de amor. O corpo reflete a multidão de sentimentos. Por isso, primeiro, o profeta diz: Ossos secos, ouçam a Palavra do

Senhor: "Eis que vivereis! Farei crescer carne em vós!" Não serão apenas ossos, mas serão corpos novamente... não serão fantasmas, existirão novamente, serão pessoas!

*Um sopro
de vida*

E o primeiro sinal da profecia de Deus é o barulho dos ossos batendo... movimento! Um corpo em movimento... rumor e animação. Foi quebrado o silêncio da morte... passaram a existir quando já não estavam mais silenciosos... este gesto simboliza que somos chamados a fazermos o movimento pela vida, a fazermos os rumores... Israel cativa, escrava, silenciosa e desanimada

não ficaria assim para sempre... teria movimento, teria o som da vida... corpos unidos para mudança... Povo de Deus é um povo preparado sempre para marchar e transformar, a abrir a boca e alterar uma realidade de escravidão. Para isso, é preciso ouvir o chamado, e não ser mais "ossos secos, sem vida", mas corpos preparados para movimento e instrumentos de Deus, para a mudança e para demonstrar o amor. O ser humano vive necessariamente em seu corpo, mas é mais do que seu corpo. E o profeta faz a revelação da

SEGUNDA ETAPA

2 - *A Palavra é dirigida ao espírito: vss 9-10*

Em Gênesis, Deus soprou o espírito para que o ser humano vivesse. Ezequiel invoca o mesmo espírito, o mesmo vento criador (ruah)...o Espírito vivificador! Vejo esse "vento" simplesmente como a Graça de Deus! É o que dá vida, é o que dá inspiração e coragem... é o que faz o corpo mover, lutar... é o que faz o ser pensar, criar,... é o que faz a alma transbordar em sentimentos únicos... é o que nos faz sonhar com o possível e com o impossível. O corpo recriado recebe a inspiração divina e caminha novamente. Esse vento traz o significado de "ar em movimento". Como Jesus disse a Nicodemos na escuridão da noite... "o Espírito, o vento sopra onde quer, em quem ele quer"... O vento misterioso, que traz vida onde antes havia so-

mente um vale de ossos secos. Faz o corpo caminhar rumo a um horizonte a ser conquistado. É a força da ressurreição! A partir da inspiração do Espírito, volta a nascer a esperança... a escravidão dos corpos não é capaz de conter um espírito sonhador, porque a partir da aptidão de sonhar, a conquista da liberdade ganha um passo enorme para se concretizar. O que "vem dos quatro ventos" é que sopra aos nossos ouvidos a verdade de Deus, verdade do reino de Justiça. É disposição de mente e atitude. E Ezequiel nos faz assistir ao milagre do espírito que vivifica. "O espírito entrou e eles viveram". Viveram para vida! Pode parecer estranho, mas é assim: Viver para a Vida! O Espírito de Deus nos abre os olhos para enxergarmos a sua existência... pois ele, o Espírito, está na criação... Um renascimento de verdade é o que nos proporciona a profecia de Ezequiel. São as Palavras de Deus que nos sussurra: "Não somos feitos apenas de carne, ossos, sangue. Mas somos os nossos desejos, as nostalgias, o amor que passa por essa carne, pelo sopro maravilhoso de um vento" que passeia pelo mundo e nos convida para um novo viver... "Quem é nascido da carne é carne, mas quem é nascido do espírito é espírito... por isso é necessário nascer de novo". De um vale de ossos secos pode sim re-nascer a vida... de uma multidão perdida em seus problemas e egoísmos pode sim

brotar uma multidão de homens e mulheres dispostos a serem o diferencial a partir do mover do Vento Impetuoso de Deus. Então, quando da morte brota a vida sabemos quem é Deus a quem adoramos e amamos.

ENFIM...

No domingo de Pentecostes, por meio da leitura de Ezequiel, o milagre do renascimento ganha cores de renovação, é o sopro divino para revitalizar ossos secos, corpos mortos, dimensão sem esperança. Assim como o profeta Ezequiel foi chamado para profetizar, nós temos também uma mensagem de restauração e vida... através da inspiração do Espírito Santo de Deus, podemos anunciar que ainda há vida, esperança e conquistas. Porque através do sopro do Espírito, O Deus de todo universo mostrou até onde Ele pode chegar por amor... Olhamos para o nosso mundo hoje e vemos as cenas de violência, fome, injustiça, corrupção... E Deus nos pergunta: "Poderão reviver esses ossos?". Como o profeta podemos responder: "Somente Tu o sabes Senhor Deus"! E Deus confirma que sim, através de uma cruz e um tumulo vazio: "Sim...a vida é possível onde reina a morte"!

Que assim seja!

Professor na Faculdade Metodista.
Biblista e Mestre em Ciência da
Religião pela UMESP

Um sopro
de vida

Envias o teu Espírito, e renovas a face da terra (cf. SI 104.30a)



**PROPOSTA DE LITURGIA PARA CELEBRAÇÃO DE CULTO DE PENTECOSTE
(04 DE JUNHO DE 2017) CICLO DA PÁSCOA,
ANO A - COR LITÚRGICA: VERMELHO.**

**VEIO DO CÉU, UM SOM, COMO DE UM VENTO IMPETUOSO,
E ENCHEU TODA A CASA ONDE ESTAVAM ASSENTADOS/AS (CF. AT 2.2).**

*Culto de
Pentecoste*

➤ **Prelúdio** [Processional dos/as dirigentes, ...]

➤= **Chamada à adoração:** *Atos 2.1-13*

¹ Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; ² de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados.

³ E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles.

⁴ Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.

⁵ Ora, estavam habitando em Jerusalém judeus, homens piedosos, vindos de todas as nações debaixo do céu.

⁶ Quando, pois, se fez ouvir aquela voz, afluui a multidão, que se possuiu de perplexidade, porquanto cada um os ouvia falar na sua própria língua.

⁷ Estavam, pois, atônitos e se admiravam, dizendo: Vede! Não são, porventura, galileus todos esses que aí estão falando?

⁸ E como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua materna?

⁹ Somos partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, ¹⁰ da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem, ¹¹ tanto judeus como prosélitos, cretenses e arábios. Como os ouvimos falar em nossas próprias línguas

as grandezas de Deus?
12 Todos, atônitos e perplexos, interpelavam uns aos outros: Que quer isto dizer?
¹³ Outros, porém, zombando, diziam: Estão embriagados!

➤ **CÂNTICO CONGREGACIONAL:**

♪ *Vem, ó Todo-Poderoso – 66 HE*

[1]

Vem, ó Todo-poderoso,
Adorável Criador,
Pai eterno e glorioso,
Vem, revela o teu amor!
Ante o trono de clemência
Nos prostramos, e a uma voz
Suplicamos-te a assistência,
Deus e Pai de todos nós!

[2]

Vem, ó Salvador divino,
Deus de nossa salvação,
Vem, confirma o teu ensino,
Vive em cada coração!
És Senhor incomparável,
Dom do sempiterno amor!
Vem, Jesus, Mestre adorável,
Abençoa-nos, Senhor!

[3]

Vem, Espírito da graça!
Nossas preces inspira!
Deus Consolador, enlaça
Todos que te vêm louvar!
Esclarece as nossas mentes,
Infalível Preceptor!
E seremos firmes crentes,
Dominados pelo amor.
[L.: João Gomes da Rocha; Harm.: A. Zimmermann]

➤ **Leitura Bíblica:** *Atos 2.14-21*

¹⁴ Então, se levantou Pedro, com os onze; e, erguendo a voz, advertiu-os nestes termos: Varões

judeus e todos os habitantes de Jerusalém, tomai conhecimento disto e atentai nas minhas palavras.

¹⁵ Estes homens não estão embriagados, como vindes pensando, sendo esta a terceira hora do dia.

¹⁶ Mas o que ocorre é o que foi dito por intermédio do profeta Joel:

¹⁷ E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos;

¹⁸ até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão.

¹⁹ Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça.

²⁰ O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor.

²¹ E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

➤ **ORAÇÃO DE ADORAÇÃO**
➤ **SAUDAÇÃO E ACOLHIMENTO**

*Culto de
Pentecoste*

...NINGUÉM PODE DIZER: SENHOR JESUS!, SENÃO PELO ESPÍRITO SANTO
 (CF. 1 CO 12.3B)

➤ **CHAMADA À CONFISSÃO:**
1 Coríntios 12.3-11

ORAÇÃO DE CONFISSÃO:
Confessamos a Ti, Senhor, nossa incapacidade de fazer, por nós mesmos, aquilo que demonstra o teu senhorio sobre nossas vidas. Confessamos que, muitas vezes, temos dificuldade de reconhecer a riqueza na diversidade dos dons dados pelo Espírito Santo, a riqueza dos serviços

que são realizados pelos teus filhos e filhas, assim como a riqueza das realizações, mediante o teu poder.

Perdoa as vezes que temos dificuldade para reconhecer o valor de cada irmão e de cada irmã, assim como os dons que o Senhor tem dado a cada um e cada uma. Perdoa quando pecamos contra a unidade do teu Corpo que é a Igreja. Ajuda-nos a reconhecer a diversidade dos dons dados pelo Espírito Santo, a diver-

sidade dos serviços sob o senhorio de Jesus e a diversidade das realizações mediante o teu poder. Que possamos reconhecer, a cada dia, a importância de cada parte do teu Corpo que é a Igreja, e a bênção de participar da Missão do Reino de amor e justiça. Por Jesus Cristo. Amém.

[Jonadab D. Almeida]

➤ **PROCLAMAÇÃO DO PERDÃO:**
1 Coríntios 12.12-13

E A TODOS/AS NÓS FOI DADO BEBER DE UM SÓ ESPÍRITO
 (CF. 1 CO 12.13B).

➤ **LEITURA Bíblica:**
Salmo 104.24-35

²⁴ Que variedade, SENHOR, nas tuas obras!
 Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas.

²⁵ Eis o mar vasto, imenso, no qual se movem seres sem conta, animais pequenos e grandes.

²⁶ Por ele transitam os navios e o monstro marinho que formaste para nele folgar.

²⁷ Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo.

²⁸ Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens.

²⁹ Se ocultas o rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó.

³⁰ Envias o teu Espírito, eles são criados, e, assim, renovas a face da terra.

³¹ A glória do SENHOR seja para sempre! Exalte o SENHOR por suas obras!

³² Com só olhar para a terra, ele a faz tremer; toca as montanhas, e elas fumegam.

³³ Cantarei ao SENHOR enquanto eu viver;
 cantarei louvores ao meu Deus durante a minha vida.

³⁴ Seja-lhe agradável a minha meditação; eu me alegrarei no SENHOR.

³⁵ Desapareçam da terra os pecadores, e já não subsistam os perversos.
 Bendize, ó minha alma, ao SENHOR! Aleluia!

CÂNTICOS DE LOUVOR:

♪ Eu navegarei

Eu navegarei no oceano do Espírito.

E ali adorarei ao Deus do meu amor.

Espírito! Espírito!
 Que desce como fogo,
 Vem como em pentecostes
 E enche-me de novo.
 Eu adorarei ao Deus da minha vida,
 Que me compreendeu,
 Sem nenhuma explicação.

[Azmaveth Carneiro Silva]

♪ Rei das Nações

– Ofertório
 Grandes são as tuas obras,
 Senhor todo-poderoso.
 Justos e verdadeiros são os teus caminhos.
 Ó, Rei das nações,
 Quem não temerá?
 Quem não glorificará teu nome?
 Ó, Rei das nações,
 Quem não te louvará?
 Pois só teu nome é Santo.
 Todas as nações virão,
 E adorarão diante de ti,
 Pois os teus atos de justiça
 Se fizeram manifestos.

[Jorge Redher]

*Culto de
 Pentecoste*

SOPROU SOBRE ELES E DISSE: RECEBEI O ESPÍRITO SANTO
(CF. JO 20.22B).

➤ **LEITURA BÍBLICA:**

João 20.19-23

➤ **PRÉDICA:**

➤ **CELEBRAÇÃO DA CEIA DO SENHOR**

(cf. Ritual da Igreja Metodista, p. 551ss do HE)

♪ **Pai nosso Cantado**

Pai nosso que estais no céu
O teu nome seja santo.
Tua vontade seja feita,
Assim na terra como no céu.
A cada dia dá-nos pão,
Pras nossas dívidas, perdão.

Livra-nos do mal, e de toda a tentação.

Pois teu é o Reino, o poder e a glória

Pra sempre e sempre, Amém!
[Roy Duarte e a adapt. do texto:
Luiz Carlos Ramos]

ASSIM COMO O PAI ME ENVIOU, EU TAMBÉM VOS ENVIO
(CF. JO 20.21B).

➤ **CÂNTICO DE ENVIO**

♪ Descerá sobre ti o Espírito Santo
Descerá sobre ti o Espírito Santo,
E o poder do Altíssimo te envolverá.

Tua alma viverá,
Teu espírito renovará,
E no teu corpo tudo novo se fará.
E chorarás.

E saltarás de alegria.

Vem Espírito Santo, me guiar!
Vem Espírito Santo, restaurar!
Vem Espírito Santo, visitar!
Vento do Espírito, vento do Espírito
Sopra neste lugar,
E enche os nossos corações.
[Marcos Vinícius]

➤ **ORAÇÃO FINAL**

➤ **BENÇÃO**

➤ **POSLÚDIO**

Centro de Liturgia, Arte e Homilética
da Faculdade de Teologia da Igreja
Metodista/UMESP - CELAH
Por Jonadab Domingues de Almeida,
com apoio da Equipe
Imagen: <http://migueluchoa.blogspot.com.br/2013/05/pentecostes-clama-por-uma-igreja.html>

*Culto de
Pentecoste*